

LITERATURA E IDENTIDADE: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO REGIONAL

Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia
E-mail: marcia.lima@unir.br

Resumo

Regional é uma categoria que ajuda a entender as relações entre literatura e identidade porque se oferece como um operador. Consideramos, para tanto, que o lugar onde se habita também habita o sujeito. No presente trabalho, trataremos da identidade no que toca à constituição subjetiva do real apresentando a perspectiva representacional de Pierre Bourdieu. Demonstraremos que o regional oferece materialidade para o lugar onde se habita sem perder de vista a produtividade do discurso sobre o regional e como se impõe à constituição da representação prática através da linguagem. A literatura, enquanto arte que participa da representação prática, estabelece, então, suas relações com a constituição da identidade.

Palavras-chave: Identidade; José J. Veiga; regional; realidade; espaço

Abstract

Regional is a category that helps to understand the relationships between literature and identity because it offers itself as an operator. The place where one lives also inhabits the subject. In the present work, we will deal with the identity with respect to the subjective constitution of the real presenting the representational perspective of Pierre Bourdieu. We will demonstrate that the regional offers materiality to the place where one lives without losing sight of the productivity of the discourse on the regional and how it is imposed to the constitution of the practical representation through the language. Literature, as an art that participates in practical representation, then establishes its relations with the constitution of identity.

Keywords: Identity; José J. Veiga; regional; reality; space

Introdução

O tema da identidade guarda espaço profícuo no debate do campo literário contemporâneo, debate cuja densidade e extensão expõe argumentos de base teórico-metodológica variada e perspectivas nem sempre concordantes. Apesar disso, se observarmos o campo de debates de modo mais abrangente, é possível reconhecermos a preponderância do tema.

Basta nos remetermos aos textos de José Bonifácio de Andrada e Silva propostos como Projeto de Lei no final do século XIX com a intenção de salvar o Brasil da barbárie e transformá-lo em um país moderno nas Américas. Ou mesmo às obras de Gastão Kruls, escritas já nas primeiras décadas no século XX, as quais apresentam uma visão exótica da Amazônia, recriada ou a partir do relato de viagens. Neles, documentos históricos do Brasil do século XIX primórdios do XX, há uma visão de país e de nação; de povo e de cultura como alvo e pressuposto da argumentação - um lugar no qual esta terra poderia se tornar - com riqueza de detalhes e impregnado da voz europeia.

Considerar os Modernistas e a geração dos Romancistas de 30, oferece o vislumbre dos investimentos teórico e políticos sobre a noção de identidade efetuado pela literatura, de forma programática e repleta de manifestos. Apresentaram obras de extenso contributo para alimentar o debate em torno de um projeto de nação, sobre a identidade que deveria ser sua marca, desta vez em pleno embate entre vozes distintas no que concerne ao conflito entre o local e as referências europeias e sobre as noções de homem e cultura.

Contemporaneamente, para citar uma dentre outras possibilidades de abordagem do tema da identidade, as discussões dos Estudos Culturais oferecem outro tônus e recompõem o arco do debate. Referências construídas em torno de problemas ontológicos, filosóficos e psicológicos tecidos no âmbito das mudanças sociais, econômicas, geopolíticas que afetaram a cultura são incorporados. O resultado foi tornar produtiva e tensa como alimentar o debate sobre as relações entre o local, o regional e o planetário, desde a perspectiva do sujeito ou do grupo social.

Nossas considerações introdutórias apontam, na verdade, que circulam e transitam, desdobrando-se da literatura, um movimento repleto de problemas e provocações à investigação. As obras, além de alimentar a pergunta em torno da identidade, expõem esteticamente as marcas do humano. Como consequência, a literatura propõe e mantém tensão viva: as preocupações com a existência. Enfim, a literatura tem a potência de atualizá-la. A literatura, como a arte em outras manifestações, propicia ao humano *ser*, demasiadamente. Segundo o escritor Ricardo Azevedo na abertura do 15º Congresso de Leitura do Brasil:

[...] É pela e na literatura que escritor e leitor realizam sonhos, alimentam fantasias, desejos e utopias, prefigurados em seus enredos, personagens e cenários, catalizadores das polaridades e ambigüidades humanas. (AZEVEDO, 2005 apud CORDEIRO, 2006, 92).

Neste sentido é que verificaremos como o tema da identidade nas suas relações pode ser tratado como parte do debate sobre as representações que os sujeitos fazem sobre si e sobre o mundo. Alcançamos, então, a seara aberta ao modo de um recorte, para pensar o regional.

1 Representação Prática: identidade e subjetividade

Os ecos dos elementos modernizadores – a presença de artefatos tecnológicos, as invasões culturais do primeiro quartel do século XX, como sua representação passou gradualmente a fazer parte incontornável da constituição de subjetividades especificamente sobre o que cada indivíduo constitui sobre o real - podem funcionar como problematizadores interessantes para pensarmos identidade. O horizonte que se desdobra, propõe a discussão. "Regional" como categoria que viabiliza o tratamento das relações entre literatura e identidade.

Ligia Chiappini (1995), em levantamento realizado na última década do século XX, constatou o reaparecimento dos regionalismos na literatura, apesar de ter sido considerada categoria ultrapassada no campo literário. A estudiosa considera a recuperação do interesse pelo regional um fenômeno paradoxal, dado ter se constituído em razão da globalização.

José Carlos Garbuglio, professor de literatura brasileira na USP, hoje aposentado, escreveu certa vez que o regionalismo tinha "fôlego de gato". Pois o que minha pesquisa constatou é que isso não ocorre só no Brasil. O regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento - ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem, sobretudo, uma literatura que tenha por ambiente, lema e tipos uma certa região rural em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores. (CHIAPPINI, p.153,1995).

De modo mais abrangente, uma das perspectivas de abordagem da temática da identidade é a representação prática. Tentaremos explicitar as bases teóricas dessa proposição.

Identidade para Pierre Bourdieu (1989) é o sentido que adquire o real. "Real" na discussão que faz o sociólogo é tomado como "lugar", como região física geográfica, clivada pelas representações. A constituição de subjetividades abarca a constituição de si pelo indivíduo e, especificamente, sobre como constitui o real. Visto a contrapelo, pode ser capaz de permitir reconhecer o indivíduo pelas marcas próprias, como um contexto. O real é passível de ser "descrito" como produção da observação, da vivência e do costume mas, sobretudo, objetivado nas práticas, inclui a relação singular – e produtiva - que o indivíduo estabelece, ao mesmo tempo, com a esfera representacional tanto aquela da qual é objeto – de fora para dentro - , como aquela que constrói – de si, sobre seus pares. O lugar no qual habita, o habita; constitui o espaço que, no mesmo movimento, é produzido em suas relações com ele.

Sobre aquilo que define a identidade incide diretamente a representação, numa via de mão dupla. Para Bourdieu (1989, p.114-115), a representação objectal (nos símbolos, emblemas, objetos) ou prática (gestos, linguagem, dialeto, gostos) é

o próprio real e não algo destacado dele – meramente ideológico, por exemplo. Portanto, a identidade se define em razão do real clivado pela representação. Dito de outro modo, para o autor, as relações entre o indivíduo e o lugar que habita, de inúmeras formas, intensamente, o habita. A linguagem, gestos, gostos, preferências, hábitos, valores e esquemas de apreciação compõem a tessitura da identidade, que, não se afastam do espaço. Eis a funcionalidade da categoria “regional”.

Representação no registro bourdieuniano são os atos de percepção e de apreciação nunca livres da relação de interesses e pressupostos incorporados pelo indivíduo que a constrói. No mesmo movimento, são atos relacionados a objetos, coisas (emblemas, bandeiras) ou gestos e estratégias para manipulação simbólica que, por sua vez, definem e determinam as percepções. (BOURDIEU, 1989, p.114).

Há consequências sutis no que concerne às representações. O jogo implicado nos processos representacionais tem por meta propor uma determinada maneira de apreciar, calcada em princípios nem sempre conscientes para o indivíduo e para o grupo. Para Bourdieu,(1989,p.113) as apreciações e, principalmente, as formas pelas quais elas aparecem “realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo.”

Ao longo da leitura que fizemos até aqui sobre a abordagem bourdieuniana da representação, notamos, então, a possibilidade de inscrevermos as relações produtivas da constituição da identidade como parte da constituição da subjetividade, como uma variável.

Verificamos as relações entre identidade e a constituição de subjetividade também como discurso. Para Bourdieu o discurso sobre a categoria “regional” é performativo porque resulta em definição de fronteiras e dos modos de reconhecer a região delimitada. Ao mesmo tempo, resulta em modos de apreciação e percepção do indivíduo por parte dele mesmo.

O acto de categorização, quando consegue fazer-se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce poder por si: as categorias “étnicas” ou “regionais”, como as categorias de parentesco, instituem uma realidade usando do poder de *revelação* e de *construção* exercido pela *objetivação no discurso*. (BOURDIEU, 1989, p.116).

Nesse sentido, a literatura compõe, como tal, pela linguagem, o âmbito das práticas e das representações práticas, da produção da cultura, principalmente como *representação prática*. A literatura concorre (ao lado das descrições feitas pelos etnólogos e sociólogos) para produzir a realidade que focaliza.

Se observarmos o campo literário, apesar das diferenças em cada período da série brasileira, no registro teórico que vimos apontando, é possível considerar a produção do século XIX ou do primeiro quartel do século XX, entre Modernistas, Regionalistas, contistas modernos, concretistas, os autores mobilizam seu olhar sobre o real, ou seja, sobre as marcas na constituição das subjetividades. Preocupam-se nas obras em transbordar aspectos sociais, políticos, econômicos e

culturais que encontram-se plasmados. Nos textos de criação, as agruras, alegrias e peripécias dos personagens no real representado denotam os modos como um sujeito pensa, posiciona-se, sonha, luta pela vida ou pela morte, tomando por chão os aspectos geográficos. Retomando a abordagem de Pierre Bourdieu acerca da *região*, a principal empreitada é localizar os critérios (língua, dialeto, gostos ou gestual) mais objetivos para a definição de identidade. O “regional” aparece como um operador para a investigação sobre a identidade, clivada pela sua irrupção no território representacional.

Utilizando o referencial bourdieuniano, Albertina Vicentini aponta:

[...] mais do que a determinação de um território geográfico, região, em literatura, envolve também aspectos antropológicos e psicológicos, observáveis na história que se relata, nas quais a soma das manifestações políticas, econômicas, sociais e culturais é que fazem com que a narrativa aconteça, ou seja, que a região transmute-se em uma totalidade de mundo representada. (VICENTINI, 2007, p.188).

Para nós, a relação literatura e identidade segue seara profícua porque faz a arte literária participar da luta, nada neutra ou isenta, pelas classificações (BOURDIEU,1989), pelos princípios de visão e divisão, e de consolidação dos modos de constituição da subjetividade especificamente sobre o que cada indivíduo constitui sobre o real. Bourdieu (1989,p.113) indica que as lutas pela identidade regional e étnica fazem parte de processos engendrados por essas lutas de “*dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer grupos.*”

2 Ver a si mesmo e ao seu lugar: literatura, representação e identidade

Tomaremos a obra de José J. Veiga, autor goiano que escreveu do final dos anos 50 até meados dos anos 90, contos, novelas e romances que alcançaram notoriedade pelo impacto da premiada primeira obra, o livro de contos *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1958) e pelo investimento da fortuna crítica em colocá-lo como referência do fantástico literário no Brasil.

Em nossa pesquisa de doutoramento, dedicamo-nos à análise dos recursos do fantástico literário veigueano. Sem romper com a leitura a partir das vertentes do fantástico, manteremos para os fins deste artigo, o olhar para os recursos presentes nas obras do escritor goiano que se refiram ao regional.

Em uma de suas entrevistas, aquela concedida a José Castello em 1997, Veiga demonstra certa intencionalidade em dar relevo ao espaço:

Quando eu comecei a escrever para publicar, eu já era um homem maduro, não um escritor maduro, porque ninguém aprende a escrever, você aprende a cada livro e, quando acaba, já esqueceu. Mas eu já sabia qual era a literatura que queria fazer. Uma literatura

indagativa, que se perguntasse sobre o mundo, as pessoas, as crises, discutisse o sentido da vida e do mundo e sobretudo dessa parte dele que nos coube habitar. Seria uma viagem a uma terra ignota. (VEIGA, 1997, D3-Caderno 2).

Veiga oferece a pista sobre a presença dos aspectos destinados à representação, que a literatura tem a potência de produzir acerca do lugar, acerca do regional, do ponto de vista do que habita e é habitado pelo sujeito. Veiga inicia pela vereda literária com o livro de contos *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1958) em um tempo marcado pelas mudanças que poderíamos nomear, tomando por referência a pesquisa histórica como período pós-industrial (BRESCIANI, 1992). A sociedade brasileira era atravessada pelos efeitos do capitalismo cada vez mais complexo e tecnológico, como também por mudanças políticas fortemente incisivas na vida das pessoas de todas as classes sociais, na cidade e no campo. Temos que a obra de Veiga engendra a necessidade da compreensão de si, frente às mudanças sociais e políticas, que, por sua vez, impuseram novas formas de resistência. Os personagens veigueanos vivem suas histórias tornando provocador perceber a constituição da subjetividade na sua inter-relação com o lugar que habitam.

Os personagens de Veiga habitam o interior do país - algum lugar entre o interior de Goiás, de Mato Grosso e de Minas Gerais. Notável e reconhecível a ambientação em lugarejos e pequenas cidades sertanejas. Alfredo Bosi (1987) já havia registrado a sensação de familiaridade com um universo cotidiano, muitas vezes até rotineiro, no qual os personagens veigueanos circulam. Espaço que conhecem bem: faz parte deles.

Mesmo nos trabalhos de crítica dedicados especificamente aos recursos do fantástico presentes na obra de Veiga, a análise da ambientação traz a relação entre o lugar que se habita e o que, dele, habita o sujeito. Os textos de criação não perdem a característica de remeter à sensação de ser um espaço real, familiar, cotidiano. Como indicou Neriney Meira Carneiro (2004) há certa tranquilidade implicada no universo ficcional veigueano. Contudo também concordaria com Bosi (1987) ao apontar, embalada naquela *certa tranquilidade*, o cotidiano aparece habitado, repleto, de objetos insólitos.

Neste sentido, supomos que a escritura veigueana lança mão dos elementos do fantástico como pontes, buracos em cercas, coisas que sempre estiveram lá e nunca tinham sido vistas até então, para arquitetar um real imaginário capaz de pôr em questão a relação do leitor real com o lugar onde habita¹, repleto de figuras de poder mas, ao mesmo tempo, de reafirmação da identidade como forma de resistência e denúncia.

Em entrevista concedida a José Castello, no jornal O Estado de São Paulo, Veiga coloca:

¹Essa é uma característica da literatura fantástica do século XX apontada por Carneiro (2004). A autora defende, à luz de ampla discussão teórica e da análise de textos de criação do período, que o fantástico, destacado o realismo mágico, corresponde, de maneira específica, a traços culturais da realidade de países subdesenvolvidos latino-americanos. Focalizando a obra de Veiga, Carneiro identifica esses traços.

O clima do realismo mágico corresponde, em parte, ao clima da realidade subdesenvolvida brasileira. Estamos no mesmo continente e não podemos fugir disso. A ditadura militar exacerbou esse clima fantástico, valorizou sempre o mistério em detrimento da verdade e usou frequentemente a fantasia para esconder a realidade. Os militares também são co-autores do realismo mágico latino-americano. (VEIGA, 1996, D 4-Caderno 2).

Reiteramos: os lugares representados na obra de Veiga, o leitor conhece bem, faz parte dele, se reconhece nele.

O universo ficcional de Veiga propõe questões sobre identidade ao lado e em contraponto a como os personagens agarram-se ao que são, como modo de resistência, ou mesmo de submissão.

Em seu processo de criação literária, o olhar arguto de José J. Veiga observou criticamente a realidade e estabeleceu veladas denúncias à situação política e econômica vigente. [...] As situações hostis e desumanas são impostas por um poder superior que estrategicamente não é discriminado [...], podendo aludir a dominações universais. (CARNEIRO, 2004, p.188).

José J. Veiga traz em seus personagens a constituição de subjetividade de sujeitos em meio ao regime de exceção. A escritura os demonstra temerosos e alienados ou iludidos e românticos: identidades em plena constituição nas intersecções entre subjetividades e o lugar onde habita o sujeito. A modernização tecnológica assolava quase em uníssono os países da latino América, o interior do país ouvia os seus ecos. Na galeria, personagens convivem com os elementos deste contexto marcado pelas relações de poder. Personagens passivos que se autodisciplinam para não sofrer mais interditos (“Tia Zi Rezando”; *A Hora dos Ruminantes*); mas também há aqueles que demonstram representar como não se submeter a isso (“Professor Pulquério”; “A Ilha dos Gatos Pingados”; “A Usina atrás do Morro”; *Os Pecados da Tribo*); outros demonstram como as cidadezinhas do interior do país sofrem as interferências da tecnologia (“A Estranha Máquina Extraviada”), as intervenções de um poder que vem de fora (*Sombras de Reis Barbudos*; “Usina Atrás do Morro”), que traz objetos e comportamentos que denotam a turbulência, no íntimo e no corte sociocultural, nas relações inicialmente tranquilas e rotineiras. O lugar denota a sua produtividade nas subjetividades e, por consequência, como veem a si mesmos.

Tantas posições discordantes criam, de certa forma, relação tensa, de oposição, na qual a identidade se constitui, no conflito entre a ruína e a resistência. Veiga indica a relação dos personagens como uma tentativa de preservar o que os constitui, fracassando diante da pressão exercida pelo avanço tecnológico e pela modernidade. De todo modo, para o leitor, permanece a ideia de que a vida precisa ser mediada por outras situações que não a miséria do mundo, mesmo quando ela é consequência da incorporação do desenvolvimento tecnológico, como critério irrevogável de julgamento.

Para nós, fica nítida a presença dos personagens principais como homens, mulheres, crianças simples representando a voz do subdesenvolvimento e da luta arraigada pela sobrevivência econômica e social como traços culturais da região em plenas décadas de 50 e 60 no Brasil.

Dantas tece sua análise da obra de José J. Veiga nesta mesma direção. Para o estudioso, a obra de Veiga denuncia processo inexorável, conflituoso. Entendemos, com Bourdieu, que Dantas se refere a lutas pelas definições das representações práticas e objetais, as quais são definidas pela linguagem, gestos do corpo, símbolos e emblemas que fazem parte do que, por sua vez, definem os indivíduos e o pertencimento à comunidade. Luta nem sempre positiva ou que resulte em algo diferente da morte. Veiga mobiliza, na constituição de seus personagens e, nos recursos dedicados à ambientação, a representação da identidade marcada pelo subdesenvolvimento e pela presença da tecnologia; pelo modo como avançam e ganham território, em pleno movimento de invasão, como trataremos a seguir.

Na análise que empreende sobre os romances *A Hora dos Ruminantes* e *Sombras de Reis Barbudos*, Dantas reconhece a representação da identidade marcada pelas relações com o lugar, na constituição da subjetividade:

Quando uma das personagens cruza a fronteira, ela perderá o prestígio deste lado, pois os valores pelos quais era reconhecido junto à comunidade serão perdidos. O sujeito torna-se inimigo dos seus conterrâneos, sentimento expresso por Amâncio, de *A hora dos ruminantes*, que apesar da subserviência quase cega aos homens da tapera, reconhece não apenas seu afastamento dos antigos amigos como seu rebaixamento àquilo que combatia, a perda de valores antes intocáveis. (DANTAS,2004,p.132).

Do mesmo modo, o pai de Lu (*Sombras de Reis Barbudos*) ou Amâncio (*A Hora dos Ruminantes*), quanto mais adentram no esquema do poder, mais fragilizam o núcleo familiar a ponto de implodi-lo de modo irrevogável.

Dantas (2004, p.141) relaciona o tema das relações de poder na obra de Veiga com o tema da invasão, que aparece recorrentemente. A concordarmos com Dantas, antevemos quais motivos indicam o tema. Primeiro, pelo motivo da opressão como um apaziguador, um elemento motor de adequação que tenta apagar a diferença e fazer permanecer somente a concordância. Depois, pelo motivo da resistência como algo insólito que acontece e cria uma fissura na crosta que esconde a luz. O estudioso focaliza o processo histórico de desintegração como um traço produtivo da história do Brasil e, na obra de Veiga, o tema da invasão o mobiliza.

Carneiro (2004) reconhece, neste sentido, que Veiga mobiliza o leitor a refletir sobre sua realidade, que de modo muito preciso durante o século XX padecia no centro das disputas pela definição do real, tendo a identidade há muito reconhecida como alvo, visando sua desintegração.

Neste período, vários países latino-americanos sofriam imposições políticas severas, pois, regimes ditatoriais coíbiam a liberdade de opinar e discordar. Incorporando uma dupla função, a ficção expôs e veio ao encontro dos anseios e temores do leitor. No imaginário, ele pôde se realizar, questionando e traçando soluções para os entraves vigentes, ao mesmo tempo em que deles se alijaria, através do sobrenatural inquietante, num processo catártico. (CARNEIRO, 2004, p.48).

Concordamos com Dantas anteriormente: Veiga insere seus personagens em processo inexorável de lutas e ataques de instâncias mais poderosas, mas em contexto conflituoso. Há investimento do sujeito para angariar as forças necessárias para enfrentar as situações que os hostilizam (“Os Cavalinhos de Platiplanto”). Há a irrupção do insólito, através do deslocamento físico do personagem até outra margem de um rio (“A Ilha dos Gatos Pintados”), ou pela passagem por uma cerca repleta de melões-de-são-caetano (“Os do Outro Lado”), ou atravessando uma ponte que se constrói enquanto se atravessa e para cima (“Os Cavalinhos de Platiplanto”). A realidade faz parte, ao modo de um deslocamento.

Nestes deslocamentos no real, o sujeito encontra-se consigo mesmo, mantém as condições de não aquiescer ao estrangeiro ou ao invasor, em última instância, de não perder-se de si e do que é.

Os personagens dos contos, novelas e romances mantém tenso e vivo o questionamento do aparelhamento da vida pela racionalidade do avanço tecnológico e científico. Inequivocamente apontam as lacunas que imprimem para obstacularizar a felicidade plena dos viventes. Para Carneiro:

Dominações políticas, nacionais ou estrangeiras, tentam anular o homem que luta por manter sua identidade cultural. A modernidade e suas promessas visionárias suscitam angústias e questionamentos no indivíduo que não encontra nelas soluções para as injustiças sociais e os conflitos internos. (CARNEIRO, 2004, p.51).

Para Dantas (2004), os personagens veigueanos exercitam o reconhecimento. É através da luta por reconhecimento, que passa por compreender melhor as relações nas quais estão entranhados, que entendem melhor o seu lugar, incluindo as dimensões política e subjetiva, pensando em que lugar ocupa dentro de sua comunidade. Dito de outro modo, reconhecem sua identidade nos termos menos nebulosos possíveis.

A apreensão de que o homem é absurdo porque o mundo do qual faz parte também o é, pois é invariavelmente dual, composto pelo cotidiano e pelo insólito, oposição sob a qual é construída o fantástico veigueano. Neste sentido, o fantástico [é...] uma das dimensões do real, cujo desvendamento e enfrentamento são inevitáveis.(DANTAS,2004,p.140-141).

Considerações Finais

Veiga revitaliza o regional exatamente por deixar emanar das obras a busca por manter aquilo que as personagens veem que concerne a si, a sua comunidade e como cada um deles se posiciona frente ao real, permitindo-se pensar, sonhar, dar sentido para a sua vida. Cada um deles busca imprimir um sentido para o real, com contundência. Ao trazer as agruras e peripécias de cada personagem, Veiga participa do movimento próprio da literatura no âmbito das representações práticas, que estão em jogo para validar o modo de vida, a identidade.

Veiga coloca a crítica sobre um cadafalso semiaberto a cada livro por conta de não prender a escritura ao exótico ou ao rústico estilizados, sempre aliados a certa noção de regional. Permite que a ambientação em suas obras possa representar o contexto histórico, os problemas sociais e aqueles sob os quais padecem os homens e mulheres de classes sociais variadas. José J. Veiga, desde sua estreia, em 1958, mobiliza recursos do fantástico que colocam a trama em suspense ao mesmo tempo em que dão vida aos personagens, sem perder a ambientação em cidadezinhas do interior do país – em algum lugar entre Goiás e a fronteira do centro-oeste com a região Norte – ou a representação dos efeitos do contexto social.

De muitos modos, a obra de Veiga propõe, o tempo todo, a discussão acerca do que é próprio ao ser, de como tece relações de pertencimento cotidiano ao seu lugar e precisa ser visto na sua multiplicidade de dimensões para que esse pertencimento seja reconhecido.

Do ponto de vista da reflexão sobre identidade, este trabalho pretendeu demonstrar que, desde a sua inserção nas lutas pela definição do que é possível tomar como representação de país, nação e de cultura, a literatura não ocupa posição de neutralidade.

A leitura de Veiga de modo algum apresenta uma relação superficial, banalizadora e exótica com um real visto de fora. Muito diferente disso, as relações entre literatura e identidade podem ser vividas pelo leitor como a manter viva a suspeita sobre a necessidade de reflexão sobre o contexto. Isto aliado, sob o registro do fantástico literário veigueano, pode abrir a possibilidades de novas maneiras de o leitor ver a si mesmo e ao seu lugar – que também o habita.

Escrevo para conhecer melhor o mundo e as pessoas. Quem prestar atenção verá que meus livros são indagativos, não explicativos. Isso faz deles um jogo ou um brinquedo entre autor e leitor; ambos indagando, juntos ou não, e descobrindo – ou não. Os meus textos são um exercício, ou uma aventura, ou um passeio intelectual. Eles não “acabam” no sentido tradicional, e nesse não acabar é que entra a colaboração do leitor. Mais tarde encontrei esta frase num livro de Julien Gracq: “Escrevo para saber o que vou encontrar”. Fiquei feliz. (VEIGA, 1996, D-2-Caderno 2).

Referências

- BOSI, Alfredo (Org.). **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BOURDIEU, P. A Identidade e a Representação; elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In:_____. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa:Difel, 1989
- BRESCIANI, Maria Stela M. **Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza**. São Paulo:Brasiliense, 1992.
- CARNEIRO, N.M. **O Caleidoscópio de José J. Veiga: intersecções estruturais em narrativas insólitas**. Assis, 2004. 200f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 2004.
- CHIAPPINI, L. Do Beco ao Belo; dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, 1995, p. 153-159.
- CORDEIRO, V.M. Escritores e Leitores. In: CARVALHO. M.A.; MENDONÇA, R. H. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC/SEB, 2006, p. 93-96
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil: Modernismo**. 7.ed. São Paulo:Global,2007
- DANTAS, Gregório. José J. Veiga e o romance brasileiro pós-64. In: Falla dos Pinhaes, Espírito Santo de Pinhal,SP, v.1, n.1, jan./dez.2004. p. 122-142.
- PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o Regionalismo Revisitado. **Luso-Brazilian Review**, V. 41, N. 1, 2004, pp. 121-138, 2004.
- VEIGA, J. J. José J. Veiga defende estilo despojado. Entrevistador: José Castello. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, D 3, Caderno 2, 4 out. 1997. Seção Personalidade.
- VEIGA, J. J. José J. Veiga prepara livro de contos. Entrevistador: José Castello. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, D 14, Caderno 2, 17 ago. 1996. Seção Literatura.
- VEIGA, J.J. **Cavalinhos de Platiplanto**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1977
- VEIGA, J.J. **Sombras de Reis Barbudos**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- VEIGA, J.J. **A Hora dos Ruminantes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- VEIGA, J.J. **Os Pecados da Tribo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991

VEIGA, J.J. **A Estranha Máquina Extraviada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

VICENTINI, A. Regionalismo Literário e Sentidos do Sertão. **Sociedade e Cultura**. v.10, n.2, jul-dez, 2007, 187-196